

AÇÃO DIRETA

Diretor: JOSÉ OITICICA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Administrador: MANUEL PERES

Redação: RUA BUENOS AIRES, 147-A — 2.º ANDAR — SALA 2

ANO IV — N.º 59

Rio de Janeiro — Sábado, 24 de Setembro de 1949

Preço: Cr\$ 0,50

CAIXA POSTAL 4.538

ANATOMIA DA PAZ

Por GERMINAL

A paz não é certamente nenhuma utopia. A única questão é: que espécie de paz? O fato de se dizer hoje, em público, que a paz pode ser assegurada pelo cosmopolitismo e cidadania mundial — expressões há bem poucos anos consideradas absurdas — prova que muitos já começaram a compreender que a divisão do mundo em Estados é a causa exclusiva das guerras.

Verificamos, na história humana, inúmeros pactos de paz. Nenhum sobreviveu mais de alguns anos. Nenhum foi capaz de impedir a guerra seguinte. Porque? Por serem os povos incapazes de criar instituições convenientes que impeçam essas catástrofes periódicas. A segunda guerra mundial seguiu-se a novos pactos de paz e, no entanto, a próxima carnicina pode ser considerada como coisa decidida.

O problema fundamental da paz não é problema militar, nem de Estado e portanto, não é de pactos, mas de transformação social e econômica. Não é isso logomacria teórica, mas a única salvação contra a ameaça permanente; pois o problema da paz depende, sem dúvida, da solução desses problemas.

Até o dia de hoje, nem os pactos nem as forças armadas, nem as rezas da Igreja puderam evitar nenhuma guerra. Depois de experimentar mil e uma vezes tais meios sem êxito, é aconselhável empregar meios que nunca foram tentados. Só quando nos tornarmos dispostos a usar de tais meios radicais e revolucionários, alcançaremos uma ordem social que se poderá chamar "pacifista". Pensar que a paz entre nações soberanas pode ser conservada pela política ou diplomacia, tenham ou não força à sua disposição, é pura ilusão. No mundo dos Estados, os métodos usados em política e diplomacia são de verdadeira be-

grância e não poderiam ser de outra forma. Diplomacia é igual a estratégia militar, porque consiste em cada um ocultar do adversário suas verdadeiras intenções.

Ainda há 40 anos, a humanidade crédula colocou sua esperança de paz eterna na ação dos partidos marxistas. As últimas guerras mundiais livraram-na completamente dessa ilusão. Só cegos podem ainda supor que a classe do proletariado, contaminada pelo socialismo científico de Carlos Marx, representa um fator de paz. Na realidade, ela se sacrifica por interesses alheios. Confiou seus destinos a líderes que lhe prometeram um paraíso conforme o modelo russo ou o inglês. Dessa maneira transformou-se uma classe, em cujos ombros pousava a paz, em fator essencial de guerra. Hoje adoram os marxistas, justamente como seus parentes próximos, os democratas, a bomba atômica. (Falamos dos partidários marxistas e não do trabalhador).

Também não acreditamos nas rezas e promessas da Igreja Católica, que afirma ser uma religião de amor ao próximo, mas abençoa as armas mortíferas e reza pela vitória. Esta Igreja deu ao mandamento: "Não matarás!" uma dupla interpretação: é crime matar um indivíduo da mesma nacionalidade, mas se este indivíduo tem casualmente a nacionalidade do Estado adversário, matá-lo torna-se virtude, ato agradável a Deus, ainda que ele tenha a mesma crença.

O homicídio em massa e a tor-

tura, a opressão e a perseguição que a humanidade sofreu, demonstram claramente a falência completa da Igreja Católica como força civilizadora. Milhares de cristãos inocentes foram assassinados a sangue frio, outros milhares foram roubados, deportados e escravizados por cristãos. Crimes horrendos foram tolerados e sancionados pela mesma Igreja que preza: "amarás teus inimigos". (Falamos da Igreja e não do cristão).

Repetimos com Thomas Paine, que escreveu faz quase dois séculos: "Não tenho a fé que a igreja judaica, a igreja romana, a igreja turca, a protestante ou qualquer outra igreja proclama como a verdadeira. Minha igreja é a minha própria consciência. Todas as instituições nacionais-religiosas sejam elas judaicas, cristãs ou turcas, nada mais são para mim que invenções humanas, criadas para escravizar a humanidade e para monopolizar o poder e o lucro."

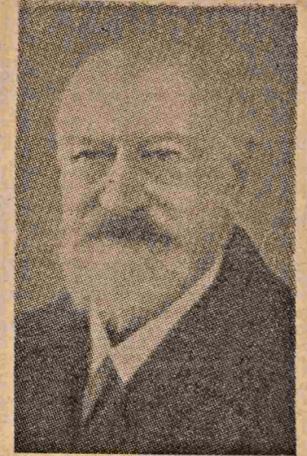
Também negamos que a guerra possa ser impedida pela bomba atômica ou pelo Conselho de Segurança da ONU. Não se pode colocar o futuro da humanidade na bomba atômica ou numa hipótese tão problemática. É crime ensinar os povos a confiarem seus destinos nos métodos de uma instituição que mais de mil vezes demonstrou sua incapacidade. Seria estupidez crer que esses métodos, que falharam sempre que foram postos em prática, só agora, na época da bomba atômica, possam triunfar.

Rejeitamos também a idéia, lançada por Garry Davis, que quer assegurar a paz por meio de um parlamento mundial. Um Estado mundial significaria a eternização da escravidão. A humanidade futura observará com horror a história vergonhosa de nossa época. Verificará que todas as barbaridades de agora: incêndios, destruições, assassinios, roubos, patifarias, que os povos praticaram por ordem de seus governos, baseiam-se num erro fundamental de lógica, na loucura de crer que o Estado representa o princípio da Justiça. O Estado, seja mundial ou regional exige o monopólio de regular a vida social dos seus súditos. Verificamos que ele não representa nenhuma sociedade; pelo contrário, com seu monopólio torna impossível qualquer associação harmônica. O sofrimento dos povos não é outra coisa que o resultado desse monopólio, pois o Estado só pode prosperar a custa de um povo mutilado.

A única esperança que fica é o indivíduo, porque sua ação e sua consciência são os únicos fatores que poderão solucionar o problema da paz. Esse problema é multiforme e abrange todos os campos da vida social e econômica. Porém existem inúmeras possibilidades para vencer os obstáculos e quando os indivíduos conscientes forem milhares, alcançaremos a época da transformação radical e revolucionária da ordem social, isto é, a era anárquica ou a época da fraternidade, da igualdade e da liberdade.

O Estado que cercou a liberdade com fronteiras e sufoca com leis e mentiras a fraternidade e a consciência humana, que protege o rico e rouba o pobre, organiza o assassinio em massa, perpetrará, dará o melhor estrume para a semente de uma humanidade rejuvenescida, isto é, para a Anarquia.

Figuras do Anarquismo



SEBASTIAO FAURE

Nasceu no dia 6 de Janeiro de 1858, na cidade de Saint-Etienne, França; faleceu no dia 14 de Julho de 1942 em Royan, com 84 anos. Só o nome de Sebastião Faure é suficiente para quem conhece sua obra através de mais de meio século de atividade. Com a morte de Faure, perdeu o anarquismo uma de suas maiores figuras. Tribuna brilhante, expositor sereno, Faure pertencia à plêiade de militantes do anarquismo que sobreviveram a os tempos de seu auge. Descendia Faure de uma família burguesa. Estudando em um convento, preparou-se para servir à Igreja Católica, e, quando tudo fazia crer que Faure se tornaria sacerdote, morreu-lhe o pai, tendo ele de regressar à família. Operou-se nele então profunda mudança ao entrar em contato com o ideal anárquico. Compreendeu que seu lugar era nas filas do anarquismo militante, entregando-se de corpo e alma a seu novo ideal, abjurando publicamente, para sempre, o falso campo da religião.

Dedicou Faure toda sua vida ao estudo dos problemas sociais, tendo contribuído para enriquecer a bibliografia anarquista com várias obras, entre as quais "A Dor Universal", "Meu Comunismo", "Anarquia", "Temas Subversivos", "Enciclopédia Anarquista", além de numerosos artigos publicados em toda a imprensa anarquista. Ainda fundou, em 1895, juntamente com outra grande figura do anarquismo — Luiz Michel — o jornal "Le Libertaire" em cujas páginas apareceram durante muitos anos, seus trabalhos. O nome de Faure está ligado a mais de meio século de propagação do ideal anarquista. Por estas palavras simples mas profundamente sentidas, poderemos ver como sentia e agia Sebastião Faure: "Se queremos levar uma vida invejável, uma existência superior, é necessário dirigir nosso esforço para uma causa nobre e justa, um ideal amplo e generoso, consagrar-lhe toda a vida, renunciar à família, à amizade, ao amor, à ambição, à fortuna, à glória, ao êxito fácil e às vaidades mundanas". Rudes golpes vem sofrendo o anarquismo mundial. A perda de homens e movimentos vem segundo nossas fileiras; e só a fé inquebrantável em nossos corações e a enorme responsabilidade de prosseguir a luta faz com que perdamos como a de Sebastião Faure nos impulsionem, em vez de desanimar, a olhar a rota percorrida pelos mestres do anarquismo e procurar, com a nossa vontade, manter latente a chama vivificadora do ideal que um dia será a salvação desta infeliz humanidade.

mortos deixassem o cuidado de enterrar os seus mortos. (Mat. 8: 22). Os papas, no passado, mandaram matar e enterrar, exumar e canonizar, explorando as suas vítimas em vida e até depois de mortas. (Os casos de Joana D'Arc e de tantos outros mártires são elucidativos).

18.º — Cristo não veio ao mundo para ser servido mas para servir a seus irmãos em humanidade, conforme afirmou. (Mat., 20: 23, e Luc. 20: 27). O papa e seus sacerdotes fazem-se servir em todo o mundo por milhares de servos com e sem uniformes religiosos.

19.º — Cristo não veio para julgar, nem para condenar a seus irmãos. (Luc., 6: 37 e João, 3: 17). Os papas julgam e condenaram, através dos tribunais inquisitoriais, a milhares de irmãos em humanidade, aos suplicios mais inomináveis e aos martírios mais cruéis. (Basta ler a história da nefasta Inquisição e das célebres cruzadas).

20.º — Cristo ressuscitou as almas do túmulo do erro e da morte do pecado, chamando novamente à vida: Lázaro, a filha de Jairo, e o filho da viúva de Nain, Paulo de Tarsos, Maria Madalena e Dimas etc. etc. (João, 11: 1; Marc., 5: 21; Luc., 7: 11). Os sacerdotes mataram Cristo e fazem questão de conservá-lo morto e crucificado, temerosos de que ele ressurja em espírito e Verdade, expulsando-os novamente do Templo da Vida, onde mercadejam o seu nome a grosso e a retalho.

21.º — Cristo vestiu a túnica branca da pureza, e suas virtudes se faziam sentir até ao longe. (João, 19: 23, 24; Marc., 5: 25-29). Os sacerdotes vestem a sotaina negra da im-

(Conclui na 2.ª página)

EM DEFESA DA POLICIA O PAPA E' O ANTI-CRISTO

RAFAEL BARRETO

JORGE VILLEJOHA

Em todos os tempos abundaram os descontentados, os exigentes, os difíceis de satisfazer, os rebeldes, os herejes. Não me revoltou contra a existência de tal fauna humana pois a considero o fermento do progresso e o sal da Terra. Mas entristece-me ver uma desoladora unanimidade de opiniões contra a Polícia, e compreendo quão difícil é governar. Por uns miseráveis murros, bofetões, coices, sopapos e golpes de borracha ("cafandões a tempo", como o dr. Oliveira Salazar designa as carícias que se generosamente encarga a sua Polícia de distribuir pelos nossos rebeldes irmãos de além-mar), logo o público, e com ele os jornais, mesmo os que mais amantes da Ordem constituída se proclamam, protesta, e reclama das autoridades não sei que estranha suavidade de processos.

O lema que me norteia na vida sempre tem sido: "Ao lado dos perseguidos!" Não podia, pois, fiel a tal divisa, deixar, neste momento, de vir em defesa dos anônimos, moçosos e incompreendidos guardiães da segurança coletiva, tão caluniados e injustiçados por aquele mesmo povo ingrato por quem eles diariamente arriscam a vida na luta sem tréguas contra a Desordem.

Esquece-se que os agentes da Ordem têm a missão de obrar — "agente" significa "o que age" — e não a de julgar nem discutir. Um policial é uma arma; dispara-se como um revólver. Pedis, por acaso ponderação à bala? A Polícia deve ser enérgica e veloz pois ela está encarregada de defender a sociedade contra bandidos e reformadores sociais, que, no fundo, se equivalem. Ora, uma energia veloz só pode fazer uma coisa: destruir. Na praça pública, desencadeia-se, de repente, uma potência devastadora, a qual nada há que objetar porque funcionou conforme a sua calculada e útil estrutura. A Polícia está obrigada a ser como um martelo-pilão: ou brutal, ou imóvel.

Sim, a Polícia é um mecanismo que se adapta aos delinquentes manifestos ou prováveis. Queis que distinga entre as pessoas decentes e as que o não são? Para



ela não existem seres inofensivos. Ela nada tem que ver com tais indivíduos e por isso, não os vê. Desde que assenta as garras sobre um cidadão, esse cidadão é criminoso e, consequentemente, merece maus-tratos, ainda que seja inocente. Ah! é impossível ser inocente no xadrez. Congratulemo-nos com que a Polícia não seja amável com os homens honrados, pois é o único meio de que tambouco o seja com os malandros. Os injustamente vexados e esbordoados pela Polícia devem compreender isto e orgulhar-se de que os seus corpos sejam portadores dos sinais certos de que a segurança e a Ordem da cidade e da Nação se encontram em mãos robustas.

Tenhamos sempre presente que um instrumento de administrar força não é sensível à justiça e, por isso, não delibera. Deliberar é perder tempo, parar, tornar-se débil. Ah, a força é infalível, porque é irremediável. Agrada-me contemplar a majestade da Polícia. Derrotada por um grupo de energúmenos, tremeríamos todos de pânico ao descobrir a fraqueza dos nossos protetores. Convém, pois, que estes sejam capazes de fazer frente aos energúmenos e às multidões energúmenizadas. É necessário que estejam aptos a esmagar qualquer veleidade de alteração da ordem e da tranquilidade indispensáveis ao trabalho fecundo.

(Conclui na 3.ª página)

Demonstrou-se, em número anterior, nestas colunas, pela pena de Rafael Malaguerra, que o Papa é o maior ateu do mundo. Malaguerra, como vamos provar, afirmou uma grande verdade. Com efeito, nada tem que ver Cristo com o cristianismo, pelo menos com esse que hoje por aí se estadia, insuflando o ódio e preparando as guerras. A deturpação do Cristianismo, data do 1.º concílio ecumênico de Nicéia, convocado para a condenação do cisma de Ario, e apresenta-nos atualmente um catolicismo com papa e sacerdotes, da seguinte forma:

1.º — Cristo era paupérrimo. Não tinha sequer onde repousar a cabeça. (Lucas, 9: 57, 58). O papa é o monarca mais rico do mundo.

2.º — Cristo lavou os pés de seus discípulos, revelando com isso grande humildade. (João, 13: 5). O papa dá-os a beijar aos seus irmãos em humanidade, demonstrando grande vaidade e presunção.

3.º — Cristo pagou os tributos da Terra. (Mateus, 17: 24, 27). O papa cobra com usura os da Terra e até os do Céu.

4.º — Cristo nutria as suas ovelhas através das multiplicações dos pães e dos peixes. (Mat., 14 e 15: 13 e 21, 32 a 39). O papa nutre-se fartamente das suas ovelhas.

5.º — Cristo teve por prêmio do mundo uma coroa de espinhos agudos e lacerantes. (Mat., 2: 29). O papa usa uma de ouro toda incrustada de pedras preciosas e caríssimas.

6.º — Cristo não quis títulos honoríficos, não aceitou nem mesmo o qualificativo de "bom". (Luc., 18: 18, 19). O papa monopoliza até o de "santidade".

7.º — Cristo expulsou os mercadores do templo. (Mat., 21: 12, 13). O papa, sendo o primeiro, acolhe-os com agrado e reverência.

8.º — Cristo pregou a paz e a harmonia. (Mat., 10: 11, 13). O papa estimula e abençoa a guerra, pois benze espadas e espadas, batiza aviões e navios de guerra, e abençoa forças expedicionárias, como as que transportaram o Adriático para arrazar a pequena Albânia e a pobre Abissínia, exatamente no dia maior da cristandade, "sexta-feira da paixão".

9.º — Cristo percorria as estradas a pé, socorrendo os pobres e os enfermos, consolando os aflitos e os desesperados. (Mat., 4: 23). O papa evita-os e, além de não se afastar do seu suntuoso palácio, quando percorre as suas dependências, o faz carregado aos ombros de seus irmãos.

10.º — Cristo recomendou a seus discípulos que dessem de graça o que de graça recebessem. (Mat. 10: 8).

O papa recomenda a seus emissários que vendam tudo, até as indúlgências dos pecados por cometer.

11.º — Cristo afirmou que seu reino não é deste mundo. (João, 18: 36). O papa faz absoluta questão de se impôr e dominar este e o outro mundo.

12.º — Cristo recomendou a seus discípulos que não ajuntem tesouros na Terra. (Mat. 6: 19, 21). O papa é o detentor dos tesouros mais fabulosos da Terra. Enquanto populações inteiras, como a da França, da própria Itália e de outros países, morrem de fome, ele se limita a recomendar orações e a enviar pedintes por todos os países.

13.º — Cristo conduziu seus discípulos por toda a parte, ensinando e exemplificando o amor, a humildade, a renúncia, a fraternidade e a abnegação. Depois, enviou-os pelo mundo como ovelhas entre lobos. (Mat. 10: 16 e 7: 15). O papa permanece comodamente sentado no seu trono de ouro e, cheio de orgulho e egoísmo, vaidade e ambição, envia os seus sacerdotes pelo mundo como lobos entre ovelhas.

14.º — Cristo a nenhum de seus discípulos concedeu autoridade especial sobre os demais, nem lhes conferiu o título de papa ou "papão"; pelo contrário, disse-lhes, quando os surpreendeu a discutir qual dentre eles seria o maior: "Aquele que queira ser o maior, faça-se o menor de todos; o que queira ser o senhor faça-se servo, pois o que a si mesmo se exalte será humilhado, e o que a si mesmo se humilhar será exaltado". (Marc., 9: 34, 35, e Mat., 23: 12). O papa exalta-se de tal maneira que, cheio de "santidade" e "infallibilidade", confessa-se o único, o legítimo, o verdadeiro e o maior representante de Cristo na Terra. Pobre Cristo!

15.º — Cristo converteu a água em vinho e mandou que fossem distribuídos, por todos, para que reinem a satisfação e a alegria num lar festivo. (João, 2: 7, 9). O papa e seus sacerdotes tomam-no em seus ofícios religiosos, enquanto os demais ficam olhando e batendo no peito.

16.º — Cristo, de tudo o que pregou, deu testemunho grandioso e sublime. O papa e seus sacerdotes pregam o que não praticam e praticam o que não pregam, dizem o que não sentem e sentem o que não dizem. Pregam a obediência e desrespeitam as demais crenças, impõem o jejum e são os maiores glotões, chegando a devorar até as casas das viúvas, a pretexto de prolongadas orações. (Mateus 23: 14).

17.º — Cristo recomendou que aos

O PAPA... "AÇÃO DIRETA" A RAIZ DO MAL

(Conclusão da 1.ª pág.)

quidade e procuram nos enganar até ao longe, pois vê-se à distancia um vulto escuro e diz-se: "Lá vem uma viuva." Quando chega perto, verifica-se tratar-se de um padre.

22.º — Cristo pregou: "Só a Verdade vos fará livres". (João, 8:32). O papa e seus sacerdotes pregam os absurdos e as inverdades que herdaram de seus antecessores, procurando conservar as almas dos católicos presas à lamentável escravidão clerical.

23.º — Cristo conviveu com seus semelhantes ao ar livre, em contacto permanente e amoroso com a Natureza. Seus prodígios foram realizados às claras, em plena luz do dia. (Mat., 4: 23, 25). O papa e seus sacerdotes cercam-se de mistérios e vivem enfiados em conventos e mosteiros, agindo contra tudo e contra todos, no silêncio e na sombra.

24.º — Cristo quebrou as tradições arcaicas e absurdas, destruiu os preceitos e os dogmas, os ritualismos e as hipocrisias dos escribas e fariseus de seu tempo, ensinando-os a respeitar e a cumprir as "leis de Deus". (Mat., 15: 1, 2, e 5; 23, 29, 43, 44). Os escribas e fariseus modernos desvirtuam as "leis de Deus" e os ensinamentos de Cristo para imporem as tradições dogmáticas e ritualísticas do culto exterior, visando com isso explorar a credulidade pública.

25.º — Cristo respeitou e cumpriu as leis humanas, dando a César o que era de César e, cooperando na evolução do mundo, empunhou o martelo, a enxó e o serrote, comendo o pão de cada dia com o suor de seu rosto. (Mat., 22: 21). O papa e seus sacerdotes vivem parasitariamente à margem das leis, perturbando a ordem natural das coisas, e para tanto se acham isentos do serviço militar, do imposto sobre a renda, das taxas, selos e todas as outras exigências a que estão sujeitos os demais comerciantes.

26.º — Cristo afirmou que "Deus é Espírito" e importa que aqueles que o adoram "o adorem em espírito e verdade." (João, 4: 24). O papa e os seus sacerdotes, imitando os pagãos, encheram os seus templos de ídolos, aos quais adoram como verdadeiras divindades.

27.º — Cristo recomendou o matrimônio. (Mat., 19: 6). O papa e os seus sacerdotes não podem casar-se para não privar o Vaticano da renda vultosa, canalizada de todo o mundo, mas podem ter "comadres" e "afilhados" por onde passam.

28.º — Cristo teve por amigos prediletos os pobres, os pequenos e os humildes. Ao nascer recebeu a visita de três reis magos, mas nenhuma retribuiu. (Mat., 2: 11). O Papa e seus sacerdotes menozprezam os pequenos, buscando, de preferência, a convivência dos grandes e poderosos de todos os tempos.

29.º — Cristo afirmou que não se pode servir a dois senhores: a Deus e a Mamom. (Mat., 6: 24). O papa e

Não tem sido em vão o nosso apelo para que os companheiros e os simpatizantes do nosso jornal nos enviem a sua ajuda. As contribuições mensais têm sido pagas e recebemos alguns donativos, uns maiores, outros menores, que mostram, todos eles, que os anarquistas estão sempre dispostos a sacrificar-se pelos seus ideais. Ainda não há muito tempo, uma dedicada companheira residente em S. Paulo, ofereceu valiosa joia para ser vendida em benefício de "AÇÃO DIRETA". Estávamos, pois, confiantes em que, por algum tempo, o problema econômico deixaria de nos preocupar. De improviso, porém, a partir deste número, a tipografia que imprime o nosso jornal aumentou os seus preços.

Para restabelecer o equilíbrio, somos obrigados a diminuir a tiragem, que, de três mil exemplares passou a ser de dois mil apenas. Esperamos que em breve possamos voltar à primitiva tiragem e até aumentá-la. Depende isso dos nossos companheiros e amigos. Apeloamos sobretudo para aqueles que ainda não contribuem. Não deixem de mandar pouco porque gostariam de mandar muito. O pouco de muitos é muito. Cada um dentro de suas possibilidades, cooperemos todos na divulgação das idéias anarquistas, para que, uma vez conhecidas, sejam elas amadas, seguidas e postas em prática! Correspondência para a caixa postal 4588. Valores em nome de Manuel Peres Fernandes.

Por LEÃO TOLSTOI

A causa principal de milhões de trabalhadores viverem e trabalharem segundo a vontade de uma minoria, não reside no fato de ter-se esta minoria apossado da terra e arrancar-lhes impostos e sim por estar nas suas mãos um poder, um exército, disposto a matar todos aqueles que se negam a cumprir a vontade dessa minoria.

Se os camponeses quiserem apoderar-se da terra, que é considerada como propriedade de alguns indivíduos que não trabalham, ou se um homem não pagar o imposto que o governo exige, ou se os trabalhadores, que se encontram em greve, quiserem deter os furadores de greve, surgem então aqueles mesmos camponeses sem terra própria, aqueles mesmos pagadores aos quais extorquiram o imposto e os mesmos trabalhadores aos quais proibiram a greve, com a única diferença, que eles vestem agora uniformes e estão armados com fuzis e metralhadoras e forçam desta maneira seus irmãos sem uniforme a devolver a terra, pagar os impostos e interromper a greve.

Qualquer individuo consciente perceberá o absurdo de tal fato! Os trabalhadores querem libertar-se e os próprios trabalhadores obrigam-se a permanecer na escravidão. Porque fazem isto? Fazem-no, porque os trabalhadores que foram obrigatoriamente convocados para o exército, ficaram sujeitos a um hábil processo de embrutecimento, de maneira que tornaram-se incapazes de agir de outro modo, obedecendo cegamente e executando tudo quanto os superiores exigem.

Isto acontece da seguinte maneira: nasce um menino no campo ou na cidade; quando ele alcançar a idade em que a força, a habilidade e a flexibilidade atingem o mais alto grau, enquanto as forças mentais ainda se encontram em estado confuso, inseguro, cerca dos 20 anos, é ele convocado para o serviço militar, é examinado como um boi ou um cavalo e se é fisicamente são e forte, conforme a sua habilitação, é designado para uma arma. É forçado a jurar solenemente que obedecerá aos seus superiores como um escravo. É afastado de suas an-

teriores condições de vida, vestem-no com uma farda fantasiada e trancam-no, com outros rapazes da sua idade, em quartéis onde permanece em completa vadiagem (sem fazer nada de verdadeiramente produtivo). Ensinam-lhe as mais absurdas regras, nomes de colzas e o manejo de armas mortíferas: sabres, baionetas, fuzis, canhões, etc.. Mas, antes de tudo, ensinam-lhe não só a obediência sem réplica, mas também a obediência automática aos superiores. A tarefa principal dos superiores consiste em levar estes indivíduos ao estado da ra, que a cada toque estremece com a perna. Um bom soldado é aquele que, assim como a ra, a certo grito do superior, inconscientemente reage com o movimento desejado. Conseguem isso porque metem estes pobres diabos em iguais fardas fantasiadas e durante semanas, meses e anos obrigam-nos, ao som de tambores e de música, a andar, voltar-se, pular, todos ao mesmo tempo. Em caso de desobediência castigam-nos com duras penas, até com a morte.

A embriaguez, a impudência, a vadiagem, o assassinio, não só não são proibidos, mas até são organizados.

E assim se transforma um rapaz bom e humilde, depois de permanecer em tal escola durante um ano, naquilo que desejavam fazer dele — um instrumento de opressão nas mãos dos mandatários.

Isto é horrível! Horrível é que homens maus e ociosos, à custa desses rapazes iludidos, estejam em posse de todos os palácios e riquezas que eles conseguiram da mais criminosa forma, isto é, pelo trabalho de todo o povo. Mais horrível ainda é que, para praticar este roubo, seduzam e bestializem esses inexperientes rapazes. Se aqueles que estão de posse das riquezas quisessem protegê-las, não seria tão absurdo. Mas inconcebível é que esses homens roubem e para protegê-los o seu roubo utilizem as próprias vítimas e com essa finalidade corrompam suas consciências. Desta maneira, tiranizam os trabalhadores-soldados, seus próprios irmãos e trabalhadores, porque existem meios para fazerem do homem um instrumento inconsciente para matar e oprimir.

PENSAMENTOS

A AMIZADE

As verdades adquiridas pelo individuo não constituem seu patrimônio: formam parte do caudal humano.

O que damos a uns, tomamos-lo de outros; o que nos parece uma oferta não passa de uma restituição aos herdeiros legítimos. Ao dar o coração aos seres que nos amam, pagamos-lhes uma dívida.

O ANARQUISTA

Para o verdadeiro anarquista não há uma simples questão obreira, mas um vastíssimo problema social; não uma guerra de antropófagos entre classes, mas um generoso trabalho de emancipação social.

O EXEMPLO

Alguns pretendem redimir a humanidade sem sequer conseguir catequizar sua família, esquecendo que antes de pronunciar discursos e de escrever livros, é necessário falar a mais eloquente das linguas: o exemplo.

ESCRAVOS E MANDÕES.

Hão de sanear-se e educar-se a si mesmos para ficar livres de duas pragas igualmente abomináveis: o hábito de obedecer e o desejo de mandar. Com almas de escravos ou de mandões não se vai senão à escravidão ou à tirania.

Existem homens que, com um pouco de vinho e um churrasco, vivem ditosos sem lhes importar que um bárbaro de gravata nos espolie e nos humilhe, nem que outro nos afogue numa pia de água benta.

GONZALEZ PRADA.

seus sacerdotes querem servir ao mundo com suas grandezas e a Deus simultaneamente.

30.º — Cristo afirmou que digno é o obreiro de seu salário. (Mat. 10:7). O papa e seus sacerdotes vivem da religião mais do que para a religião.

Embora não tenhamos conhecido o Mestre, estas trinta contradições re-

presentam aquelas trinta moedas com que os sacerdotes compraram Cristo para matá-lo e conservá-lo como propriedade exclusiva de sua Igreja, em todos os tempos. "Sois mestre, em Israel, e não sabeis isto?" — disse Jesus a Nicodemos, e repetimo-lo aos nossos antagonistas, os falsos representantes de Cristo.

11. APRENDIZADO DO ESTILO — ESTRUTURAS EQUIVALENTES — VALOR DOS EXERCÍCIOS DE TRADUÇÃO

1. Toda arte exige longo aprendizado. Os mesmos gênios tiveram de haurir, primeiro, dos mestres, o que gênios anteriores criaram definitivamente. Os gênios, nascidos entre medíocres artistas sábios, assimilados os princípios e regras dominantes, vão vendo adiante, sentindo arranjos novos, alvitrando expressões mais certas e vivas. A lei dessa evolução está numa integração sempre maior do homem no universo.

Evidentemente, esse aprendizado é mais ou menos longo, conforme as aptidões de cada qual. Um Mozart absorve regras e resolve dificuldades técnicas quase por intuição mera, como Inaudi ou Ormeas operavam cálculos mentais de arripante complexidade. Ormeas multiplicava, ao mesmo tempo, fatores de dez algarismos, extraía uma raiz quinta e dizia em que dia nasceria alguém, dando-se-lhe a data do nascimento, e tudo isso conversando sobre vários assuntos.

Esses prodígios, comuns na música, menos comuns no cálculo, espantosos no xadrez, são mais raros em literatura. Célebres autores, como La Fontaine, só se iniciaram na composição, por volta dos quarenta.

2. Seja como for, à parte os gênios, o comum dos plúmbeos têm de aprender a escrever. A grande maioria, mal adquirem a aceitável correção gramatical, desembestam-se na imprensa a rabiscar sobre quaisquer assuntos. No Brasil, nem correção se exige e o normal é garatujarem um cassange vergonhoso.

3. Porém, se a correção é imprescindível para o geral da gente culta e semiculta, pouco se atende às demais qualidades estilísticas. Louvam acasamente o prolixo Herculano, um Ramalho Ortigão sem nenhum brilho, e ninguém repara na falta de harmonia constante em quase todos. Sente-se em Alencar um sentido da harmonia, brotado de sua própria sensibilidade, porém amíu-de não valorizada por mingua de técnica, de aprendizado.

4. Doutrinadores inscientes encarecem a espontaneidade e ousam afirmar que a técnica prejudica essa espontaneidade. Como se os grandes escritores não tivessem sorvido os conselhos precisos, claros, exatíssimos, de gregos e romanos, a eles conformando-se religiosamente.

5. Importa, além do mais, esclarecer que os compêndios, manuais, cursos não se escrevem para os superdotados, os gênios bafejados de excelsas musas, senão para a mediania dos que precisam externar, nos mistérios complicados desta vida, suas intenções, pedidos, apreciações de valores e projetos. Estes necessitam, sedentos e famintos, de quem lhes dê água e pão, lhes ministre os conhecimentos básicos e os exercite, conscientemente, na correta e bem soante escrita.

6. E aqui devemos lembrar a divisão por nós feita de literatura: utilitária e artística. É fácil conjecturar que a técnica do estilo, para quem versa a primeira, não exige tanto quanto para os literatos, prosadores ou poetas. É bem de ver, igualmente, que os chamados modernistas, desprezadores intencionais de quaisquer ditames, constrangimentos, para eles, relegam toda técnica para a sucata dos refofos.

Sempre houve, entretanto, desses arremessos negativistas, o mais duradouro foi o dos gongóricos. E que resultou? A Fenix Renascida é o ossuário triste da incapacidade desses desdenhosos superartistas. Dominavam eles até no púlpito quando Vieira apareceu tagantando-os de rijo e mostrando-lhes, com o exemplo, a miséria das suas imposturas.

O mais ridículo foi, no presente, Martinetti que não grelou nem podia grelar; mas, dele sempre rebentaram teratológicos engendrados de deformações e pleguices com fumaças de arte. A literatura utilitária repeliu-os logo, mau grado certas investidas, a de Mário de Andrade, por exemplo, num compêndio para as escolas de música. É claro que uma álgebra, umas apostilas de botânica exigem seriedade magisterial e não truanices ou infantilidades. Invidiram eles a poesia, o romance, os contos, porém faliram totalmente e já lhes nasceu capim por sobre as sepulturas.

Em meu Manual de Estilo podem os interessados encontrar todos os preceitos, consubstanciados, da arte clássica de escrever.

7. Toda essa arte de escrever, em última análise, consiste em procurar, entre todas as estruturas possíveis à expressão de um pensamento, a mais artística, isto é, a mais acorde ao sentimento estético. Entra na apreciação dessas estruturas o minucioso exame das seis qualidades antes assinaladas. Entra ainda o am-

CURSO DE LITERATURA

Prof. JOSÉ OITICICA

(Catedrático do Colégio Pedro II)

biente da época. Há um sentir quatrocentista, outro quinhentista, outra século XIX, etc.

Eis um período de D. Duarte no Leal Conselheiro: "Das cousas em que duvidávamos se lhe desprazeria, nos guardávamos de as fazer, como se decreto soubéssemos que delas lhe pensava, até que fôssemos em boa certidão quejanda era sobrelo sua vontade".

Se analisarmos esteticamente o período, sentiremos sua excelência. Nele se representa o gosto clássico das subordinadas; mas, o acerto das palavras, sua elegante disposição, a segura harmonia das frases revelam no rei cabal artista.

Hoje, redigiríamos, quase com as mesmas palavras de modo diversíssimo, assim, por exemplo: "Guardávamo-nos de fazer cousas que possivelmente lhe desprouvessem como se de certeza lhe soubéssemos pesarem, até nos certificarmos de qual sua vontade".

Essas duas redações equivalentes distinguem-se muito por terem decorrido entre elas cinco séculos.

Porém, o mesmo escritor poderia declarar as mesmas cousas de vários modos.

Nas escolas, o exercício dessas estruturas equivalentes é de altíssimo valor. É o mais apto a infundir no aluno a consciência da estrutura linguística. Insufila-lhe ainda o hábito de procurar o melhor comparando os arranjos possíveis.

8. Vejamos um exemplo: "Naquele tempo a morte, o casamento ou o batizado dum príncipe, fatos eram que prendiam as atenções gerais e prometiam uma longa série de cerimônias, de pompas fúnebres ou festivas, finalmente um espetáculo triste ou alegre, pela natureza do fato, que trazia toda Lisboa para o meio da rua e lhe dava que ver e ouvir por alguns dias". (Alberto Pimentel, Um conflito na Corte I, 71).

Esse longo período é de estrutura subordinante e essa estrutura, quadrante ao estilo histórico ou filosófico, é sempre lerdá. Falta-lhe a viveza, esse andante natural aos escritores de época.

O período poder-se-ia estruturar por coordenação, dissolvendo algumas orações subordinadas desenvolvidas; fácil ainda melhorar a harmonia com outra disposição dos termos: "Eram, naquele tempo, a morte, casamento ou batizado de um príncipe fatos atrativos das atenções gerais; prenunciavam longa série de cerimônias, exéquias ou festas, espetáculo triste ou alegre, e néles toda Lisboa vinha à rua e fartava, por alguns dias, vista e ouvidos".

Outra estrutura: "Naquele tempo, morte, casamento ou batizado de príncipe alvorçava a todos; seria longa série de cerimônias, exéquias ou festas. Lisboa desceria à rua e teria pábulos certo à bisbilhotice por alguns dias".

9. E' de toda evidência que, para essa instrutiva ginástica mental, imperioso é conhecer a fundo a estrutura da língua, isto é, sua sintaxe prática. Eis porque tanto insisti no estudo aprofundado da análise sintática, chamada lógica.

Só analisando rápida e seguramente é possível procurar as deficiências de uma redação espontânea. Essas redações são quase sempre fracas ou, quando nada, defeituosas, cousa naturalíssima. Porém, ao espírito treinado na aplicação dos bons princípios estéticos, logo avultam os desprimores e azado lhe é prontamente dar o devido reparo. Sem os vastos recursos da análise, fica o escritor a patinhar por não saber dar jeito ao que lhe parece mau.

10. Outro notável exercício é a tradução. Esse desperta no aluno a noção do sistema linguístico. A disparidade estrutural dos dois idiomas lhe revela que língua é, acima de tudo, estrutura. O psíquico para manifestar-se, há de procurar uma estrutura, mas não pode inventar estruturas suas, há de escolher uma das longamente criadas na língua. Tanto mais rica a língua, quantas mais possibilidades estruturais possa ministrar ao escritor. Nisso, a língua portuguesa é prodigiosamente rica. A essa capacidade de estruturas várias para o mesmo pensamento, chama-se plasticidade.

11. A tradução obriga à pesquisa do termo exato correspondente ao termo original e essa pesquisa vocabular enriquece enormemente o vocabulário do estudante.

Na tradução, a tendência do aluno é o translato servil, reprodução fiel dos termos correspondentes em estrutura o mais aproximada possível da original. O mister do professor é apontar esse vício e habituar os alunos a irem procurando o melhor dos sinônimos, os vocábulos técnicos, precisos, para cada ambiente, e, sobretudo, a estrutura sintática mais vernácula e artística.

E' desnecessário afirmar que, nesse exercício de tradução, cumpre ser o professor profundo nas duas línguas, e senão da arte de escrever. A carência desses dois altos predicados é a causa única das péssimas, das ultrapéssimas traduções, para português, de romances, contos e folhetins.

12. Demos um exemplo. Seja a descrição inicial do romance Fanny de Ernest Feydeau. Transcreverei o texto original francês; em seguida a tradução de Camilo Castelo Branco: "La maison est plantée de travers, sur une butte de sable, au bord de la grève, regardant l'océan de côté, comme si elle se méfiait de lui. C'est une maison basse, à toit plat, couvrant un rez-de-chaussée percé d'une porte longue et de six fenêtres, avec une cheminée de plâtre à demi rompue, tout en haut.

La première fois que je l'aperçus de loin, en cheminant à travers les dunes desertes, elle avait une si triste apparence, que je sentis mon coeur se serrer. L'abandon n'inscrivait en crevasses béantes sur son mur éraillé, en lezards profonds sur les tuilles ravagées de son toit; sa porte fermée criait à chaque pression du vent en battant sur son gond unique et la brume qui se dégageait des monts liquides de l'Océan l'enveloppait d'un suaire. Il faisait froid. Une bise aigre se couait en sifflant les pointes des lames, les faisait danser, tourner et les dénichait par lambeaux. Jusqu'au seuil déjeté refluaient des mamelons de sable jonchés de gravats et parsemés d'orties et de chardons pâles. En arrière, comme une tache verte et sombre, s'étalait l'herbe envaissante sur l'emplacement d'un jardin".

Tradução de Camilo: "A casa está situada de esguelha, sobre um cômodo de areia, à orla da praia, olhando de soslaio o oceano como desconfiada dele. É uma casa baixa, de pavimento plano, com um recinto ao rés do chão, um portal e seis janelas e uma chaminé de gesso meio esburacada no cume do telhado. A primeira vez que de longe a vi, caminhando eu através de desertos cabedelos, tinha ela um tão triste aspecto que eu senti cerrar-se-me o coração. Estava inscrito o desamparo nas largas fendas que desconjuntavam as paredes e nas rachas profundas das telhas desmanchadas. Gemia a porta a cada bucha e a enbatia contra o gonzo único. Das montanhas aquosas do oceano erguia-se como um sudário, a nebrina que o envolvia.

Fazia frio. Uma brisa cortante sacudia, silvando, o dorso das vagas, marulhando-as, revoltendo-as e esparrapando-as. Rolos de areia, de mistura com entulho, limos e cardos, refluiam até a testada da porta. Do outro lado, à maneira duma nódoa verde escura, crescia a herva que invadia o antigo jardim".

13. Essa tradução dá azo a críticas; não é perfeita. Ouso propor a seguinte:

"Assenta, de esguelha, a casa num cômodo de areia, à beira-mar, espiando de soslaio o oceano, como desconfiada. Casa baixa, de telhado raso, sobre um rés de chão rasgado por esguia porta e seis janelas, com chaminé de estuque meio esbeijada, bem no alto.

Ao vê-la, a primeira vez, de longe, vindo eu por entre cabedelos ermos, tão dóido lhe era o aspecto que senti cerrar-se-me o coração.

Diziam do abandono aqueles rasgões largos nas paredes lanhadas e as fundas rachas nas telhas desconjuntas. Rangia a porta fechada, aos empuxões do vento batendo no gonzo único e envolvia-a num sudário a neblina vaporada pelas aquosas elevações do oceano.

Fazia frio. Um nordeste acre sacudia, aos silvos, as grimpas das vagas voltejando-as, retorcendo-as e esfarrapando-as. Até a soleira arriada refluiam montões de areia crivados de entulho e juncados de urtigas e cardos pardacentos. Atrás, qual mancha verde escura, alastrava o mato, invasor, na área de um jardim".

A seguir: Ponto 12: Capítulo, parágrafo, sequência das idéias. Ligação dos períodos. Exemplos.

O cooperativismo é um sistema econômico que se aplicará para sua inteira eficiência, a quaisquer espécies de relações econômicas na sociedade. Tendo o objetivo de alterar o sistema de trocas, se não ainda quanto ao uso da moeda como veículo, pelo menos na eliminação imediata do intermediário especulador e na abolição do lucro individual, a cooperativa só alcançará plenamente os efeitos desejados quando se estender a todos os meios de contato entre produtores e consumidores; isso não impede que os efeitos parciais tenham também valor apreciável, e tanto mais quanto mais se estenderem, na sociedade, através de mais numerosos ramos de atividade.

Eis porque a cooperativa anarquista, a cooperativa sem lucros, não pode limitar-se nem aos moldes das cooperativas oficialmente recomendadas e obedientemente registradas ao abrigo da lei, nem à função que predomina em tais organizações da atualidade. Essas sociedades são quase sempre constituídas por consumidores, em centros urbanos, ou produtores nas regiões rurais. O que se conhece, de fato, são cooperativas de consumo e cooperativas agrícolas. Se outras ensaiam o mesmo tipo de relações econômicas, dedicadas a gêneros diferentes, cremos que passa despercebida a sua existência, salvo certa classe de cooperativas escolares, que não passam igualmente de cooperativas de consumo, entre alunos dos respectivos estabelecimentos e fiscalizadas pelas autoridades do ensino.

O caso das cooperativas escolares sugere, por sinal, considerações de ordem educativa, pois aí se encontra o germe de um espírito econômico que pode ser nocivo à pureza dos intuitos de cooperação no sentido social da eliminação do lucro. O que se ensina aos escolares, com a prática de suas experiências cooperativas, não é nada recomendável, se os inicia nos cálculos interesseiros da percentagem de lucro e na partilha dos resultados financeiros. A tarefa dos jovens nas escolas não é essa, é a de instruir-se para o trabalho e para a vida social. Os assuntos econômicos não podem ser estranhos aos programas escolares, mas a prática das relações econômicas ou financeiras cabe aos adultos. Será prematuro ir, nas escolas, além do estudo e das experiências a ele necessárias. Cultivar o egoísmo — o lucro nas cooperativas escolares não tem outros caráter — é perigoso e desaconselhável. A escola arrisca-se com isso a tornar-se imoral; a formar usurários na idade em que o idealis-

RAMOS DE ATIVIDADE

P. FERREIRA DA SILVA

ta precisa forrar de generosidade o coração.

Temos de fazer da cooperativa um instrumento livre, um processo amplo de relações entre os indivíduos de todas as camadas profissionais.

Sem deixar de observar o mesmo sistema de organização e funcionamento, destinado a facilitar o acesso aos produtos e a aliviar o seu preço da parte que, pelos caminhos do comércio, vai tocando a toda a sorte de intermediários inúteis, a atividade da cooperativa não pode obedecer a normas rígidas, únicas, inalteráveis. Ela tem de assimilar as diversas condições de lugar, os variados meios de comunicação, toda uma série de circunstâncias criadas pela natureza mesma do seu papel econômico e social.

A cooperativa de consumo formada por empregados de uma empresa, por mais numerosos que eles sejam, restringe o espírito cooperativista e dá à organização uma espécie de barreira nada recomendável, quando a solidariedade e a ajuda mútua não podem florescer entre paredes; eis porque um cooperativismo assim orientado, sob regulamentos governamentais, é suspenso e a ele deve opor-se um movimento mais amplo, abrindo as portas dos armazéns cooperativistas a todos os consumidores que se agrupam apenas como consumidores, e não como empregados de determinadas empresas ou serviços públicos.

O ramo de atividade que tem de ser constituído pela cooperativa de consumo congregará antes, com justificada preferência, os indivíduos ou famílias de um bairro, de um município, de um lugar; não vemos aí diferença entre o trabalhador manual e o intelectual, entre o operário da fábrica e o empregado de transporte, e até mesmo, na atual sociedade, entre a família proletária e a família burguesa. Todos são apenas consumidores, quando adquirem os artigos necessários à sua economia doméstica. Todos estão sujeitos às mesmas vicissitudes, apenas com a diferença de que uns dispõem de mais, outros de menos recursos monetários. E não se pode ignorar que, precisamente os de mais recursos são os mais explorados. Nem se pode negar que a exploração destes têm o mesmo tom de escandalosa injustiça.

As atividades de uma cooperativa de consumo são, pois, idênticas em qualquer meio que se exerçam. O papel de distribuição dos produtos caberá a esse ramo cooperativista, em que os armazéns e depósitos, diversos na forma pela natureza dos artigos a distribuir, serão organizados com a mesma fórmula administrativa e o mesmo fundo econômico.

No cooperativismo industrial, posto em prática pelos operários de cada especialidade, outros processos de execução se tornam necessários. Esse campo desdobra-se em muitos ramos de atividade, porque, se o consumidor em todas as classes é sempre e só consumidor, o produtor não pode desligar-se das peculiaridades de sua profissão, dos aspectos e condições que tornam cada indústria diferente e sujeita aos mais variados processos de funcionamento.

Assim o alfaiate ou o sapateiro manual trabalhando individualmente, em seus domicílios ou oficinas reduzidas, podem agrupar-se por meio de uma associação profissional e fornecer a sua produção em conjunto às cooperativas de consumo; os operários de uma grande fábrica de calçados ou chapelaria já não teriam a mesma facilidade, mas saindo da fábrica, organização capitalista, ser-lhes-ia possível com um fundo social cooperativista estabelecer uma cooperativa independente, na qual uma parte das importâncias obtidas com o fornecimento de sua produção fariam, por sua vez, o lugar da quota de manutenção. Do mesmo modo os carpinteiros constituiriam cooperativas para fornecer o seu trabalho à indústria civil e os operários da construção civil, com meios proporcionados por sistema de financiamento adequado, podem construir casas de residência não cativas da exploração imobiliária.

Os ramos de atividade da cooperativa multiplicam-se em todos os sentidos. E não se esqueça que nos poucos exemplos aqui apontados, como em toda a extensão do cooperativismo sem lucros, há de ser também preocupação e objetivo da cooperativa de produção entregar seus produtos, a preço mais baixo, diretamente ao consumidor ou às cooperativas distribuidoras, dispensando o comércio e combatendo os preços que alimentam o lucro mercantil.

A ANARQUIA

SEBASTIAO FAURE

Etimologicamente, a palavra ANARQUIA (que deveria ortografar-se An-Arquia) significa: estado de um povo e, mais exatamente, de um meio social sem governo.

Como ideal social e como realização efetiva, a anarquia corresponde a um *modus vivendi* no qual, desembaraçado de toda sujeição legal e coletiva que tenha a seu serviço a Força Pública, o indivíduo não terá mais obrigações do que as que lhe imponha sua própria consciência. Ele possuirá a faculdade de entregar-se às inspirações reflexivas de sua iniciativa pessoal; gozará do direito às experiências apetecíveis e fecundas; comprometer-se-á livremente nos contratos (1) de toda espécie que, sempre temporários, revogáveis ou revisíveis, o ligarão a seus semelhantes e, não querendo impor a ninguém sua autoridade, em justa reciprocidade se negará a suportar a autoridade de quem quer que seja. Deste modo, soberano, dono de si mesmo, da direção que lhe aprouver dar a sua vida, do emprego que faça de suas faculdades, de seus conhecimentos, de sua atividade produtora, de suas relações de simpatia, amizade e amor, o indivíduo organizará sua existência como melhor desejar, irradiando em todos os sentidos, expandindo-se, gozando, em todo gênero de cousas, de sua plena liberdade, sem outros limites que os firmados pela liberdade, igualmente plena, dos demais indivíduos.

Dêsse *modus vivendi* surgirá um regime social do qual será desterrada, de feito e de direito, toda idéia de assalariador e assalariado, de capitalista e proletário, de amo e criado, de governo e governado. Conceber-se-á que, assim definida, a palavra "Anarquia" haja sido, insidiosamente, desviada de sua exata significação; que se haja tomado no sentido, pouco mais ou menos, de "desordem" e que, na maior parte dos dicionários e enciclopédias, só se faça menção dessa definição: caos, transtorno, confusão, barulho, barbúria, desordem.

A não ser os anarquistas, todos os filósofos, todos os moralistas, to-

dos os sociólogos (inclusive os teóricos democráticos e doutrinadores socialistas) afirmam que, na ausência de um governo, sem uma legislação e uma repressão que assegure o respeito à lei e castigue infrações a esta, não há nem pode haver senão desordem e criminalidade.

E, no entanto!... Moralistas e filósofos, homens de Estado e sociólogos, não vêm a espantosa desordem que a despeito da autoridade que governa e da lei que reprime, reina por todas as partes? Tão carentes estão de sentido crítico e de espírito de observação, que desconhecem que, quanto mais aumenta a regulamentação e se restringe a rede da legislação, mais se multiplica a imoralidade, os delitos e os crimes? E' impossível que esses teóricos da "ordem" e esses professores de "moral" penssem séria e honradamente em confundir com o que eles chamam "ordem" as atrocidades, os horrores, as monstruosidades, cujo repente espetáculo a observação diária põe ante nossos olhos.

E se é que há grãos na impossibilidade, é mais impossível ainda que, para atenuar e fazer desaparecer essa infâmia, aqueles sábios doutores tenham como certa a virtude da autoridade e a força da lei.

EM DEFESA...

(Conclusão da 1.ª página)

Os que mais se esgançam a bradar contra a Polícia no nosso país são os admiradores da Rússia. Mas esses devem pôr os olhos no que se passa na grande, na heroica pátria dos soviets. Ali, a Polícia, a ciclópica N. K. V. D., ex-G. P. U., a mais bem organizada, eficiente e poderosa Polícia de todo o mundo, esmagou, em pouco tempo, a revolução social, de anarquistas, socialistas e comunistas, e mantém hoje o grande país do proletariado, livre da ameaça do comunismo e da anarquia. Em Sebastopol e outras cidades arran-

Essa pretensão seria pura demência.

A lei não tem mais que um objetivo: justificar em primeiro lugar e sancionar depois todas as usurpações e iniquidades sobre as quais descansa o que os beneficiários dessas iniquidades e usurpações chamam "ordem social". Os detentores das riquezas cristalizaram na lei a legitimidade original de sua fortuna; e os detentores do Poder elevaram à altura de um princípio imutável e sagrado o respeito das multidões aos privilegiados, ao poder e à magestade com que se aureolam. Pode-se investigar até o fundo das cousas ocultas o conjunto desses monumentos de hipocrisia e violência que são os Códigos, todos os Códigos; e não se encontrará uma única disposição que não esteja a favor destes dois feitos de ordem histórica e circunstancial que se procuram converter em feitos de ordem natural e fatal: a Propriedade e a Autoridade. Eu abandono aos tartufos oficiais e aos profissionais do charlatanismo burguês tudo aquilo que, na legislação, se refere à "Moral", não sendo esta, nem podendo ser, dentro de um estado social fundado na Autoridade e na Propriedade, senão a humilde serva e desavergonhada cúmplice desta e daquela.

(1) Melhor seria dizer acordos. N. da R.

cou, talvez com um rigor que vai um pouco além do que seria necessário, as unhas aos presos. Só de 1936 a 1941, fez condenar à morte mais de 20.000 anarquistas e comunistas e encarcerou e deportou para os campos-de-concentração da Sibéria cerca de dez milhões de desordeiros profissionais empenhados em perturbar a existência da grande pátria do proletariado. Calcula-se em cerca de 100 o número de execuções mensais levadas a efeito, graças à boa organização da Polícia russa. Que formosas cifras! Que poder magnífico o de Stalin! E foi assim que a grande, a heroica N. K. V. D., (ex-G. P. U.) conseguiu trazer, da noite da barbárie mongólica para o claro dia da civilização eu-



"A corrupção espalha-se por toda a parte, inunda todos os campos, como uma terrível avalanche, como um novo dilúvio. E' a prostituição, é o pif-paf, é o jogo do bicho, arrastando avassaladoramente a juventude para o crime, para os desfalques, para o vício" — eis como um órgão do vaticianismo indígena pinta sombriamente o panorama nacional.

— Mas a principal responsabilidade de tudo isto, cabe à Igreja, ao catolicismo, que em tantos séculos de predicção não logrou estruturar um mundo melhor, mas antes, pelo contrário, foi fator de desmoralização pela sua ação nas sacristias e nos confessionários. Repare-se, todavia, que a gazeta não condena a prostituição nem o jogo regulamentados ou legais, a que se pratica novamente no Manguê, onde de novo mulheres se vendem com o beneplácito da Igreja e do Estado, e o que se exerce nos domínios do sr. Peixoto de Castro e no Jockey Club. Não é que combatamos ou sequer achemos mal que o Estado regulamente a prostituição e o jogo de azar. Chamamos este contraste, apenas para que o leitor se aperceba da parcialidade do Catão eclesiástico, pois, quanto ao resto, até achamos bem que o Estado trafique com a corrupção pública. Essa é a sua função, esse tem sido o seu papel histórico. Porque não há-de, pois, também agora, o Estado monopolizar o aluguer e a venda das mulheres, se a prostituição dá grande receita ao erário e — o que é mais importante ainda — afiança o poder? Não esqueçamos que o governo é tanto mais sólido quanto mais débeis e viciosos forem os cidadãos. Por outro lado, não devemos ser injustos com o vício, que costuma levar consigo germens de poesia. A degradação — dirá o meu amigo Rafael Barreto — não está de relações cortadas com o sonho. Baudelaire, efetivamente, sabe que o mal tem as suas flores, e não as menos belas. No azar que enriquece ou lança na miséria, ha uma elegante anarquia, um desafio satânico às leis econômicas. Fimar o contrato da própria ruína é original; adquirir, num abrir e fechar de olhos, uma fortuna, sem trabalho e sem mérito e sem a ameaça da Polícia, é maravilhoso, lírico e libertador. Agradecemos ao Ministério da Fazenda, verdadeira Casa de Fadas, essa consagração oficial da prostituição instalada no Manguê sob os olhares protetores da Polícia, e do jogo, praticado sob a designação de loteria federal para desfrute do sr. Peixoto de Castro, essa distribuição de um pouco de prazer e de ideal barato à ingênua multidão.

"Haig, o vampiro de Londres, recentemente enforcado por ter assassinado vários homens e mulheres para beber-lhes o sangue, recebeu uma esmerada educação religiosa, tendo-se mesmo tornado místico, em certa altura de sua vida, e mantendo-se, no decorrer da sua existência, um crente exaltado, um cristão praticante, respeitando rigorosamente os deveres religiosos" — estranha "O Globo".

Nada há que estranhar na religiosidade de Haig. Haig era religioso como todo o assassino e toda a prostituta. Religiosos até o fanatismo e o misticismo foram S. Domingos, o que inventou as fogueiras da Inquisição, e Torquemada, o que nelas reduzia a milhares de herejes, como religiosos foram Hitler e todos os caracóis dos campos-de-concentração, e como religiosos são Franco e Salazar. De espantar seria que Haig houvesse sido ateu, pois não conhecemos nenhum bandido que o haja sido.

"O advogado Alberto de Moura Pinto impetrou mandado de segurança contra a lei que obriga os celibatários a pagar tributo ao Estado".

— Tem toda a razão o advogado impetrante. Não é sobre os celibatários que o Estado deve fazer recair os seus tributos, mas sim sobre os casados pais de muitos filhos. A procriação de numerosos filhos deveria, em bom direito, ser considerada como uma indústria, e, como qualquer indústria, sofrer os encargos do fisco. Mas o Estado necessita de carne para canhão, que vá deixar-se trucidar, nos campos-de-batalha, em defesa dos interesses dos senhores, donos da pátria, e só por isso se protege a indústria da procriação, isentando-a de impostos e fazendo recair estes sobre os estéréis celibatários.

"Foi preso Décio dos Santos, pardão, brasileiro, solteiro, com 29 anos, residente à rua Pedro Américo, n.º 35, por ter sido surpreendido na rua Souza Lima em companhia de uma mulher praticando atos contra a moral".

Moral é, por definição, o que está de acordo com os costumes (mors). Imoral é o contrário. Ora, tudo no mundo se modifica, isto é, tudo acompanha os costumes, exceto o gesto do amor, que permanece inalterável através dos tempos, desafiando o evoluir dos costumes e das modas. É por isso e com toda a razão considerado imoral.

"No terremoto verificado no Equador ficaram destruídas nume-

rosas igrejas e, sob os escombros destas, numerosas imagens, muitas delas de inculcável valor artístico".

— Que Diabo de Deus é este que destrói as suas próprias obras? A um simples mortal, que assim procedesse, o mínimo que lhe chamaríamos seria louco.

"No seu discurso do Teatro Municipal, o sr. Plínio Salgado pronunciou as mais terríveis diatribes contra os comunistas".

— Ora, tudo isso foi para desfarçar. No fundo, comunistas e seus discípulos integralistas entendem-se às maravilhas. Uns e outros perfiçam as mesmas doutrinas de violência e de desrespeito pelas liberdades públicas. A única diferença reside em que os fascistas brasileiros vestem de verde, enquanto que os fascistas de Moscou vestem de vermelho.

"Em certa altura do seu cacarejar no Teatro Municipal a "galinha verde" — mór perguntou a os seus pintinhos porque as autoridades brasileiras permitem que continue a publicar-se o órgão anarquista "AÇÃO DIRETA", que é acusado de ser órgão stalinista desfarçado" — lê-se no noticiário dos jornais.

— A resposta a dar ao pobre diabo histórico e megalômano (supinamente ignorante em matéria de doutrinas sociológicas, a ponto de não saber distinguir anarquismo e marxismo, doutrinas antipodadas), é fácil: é que ainda não vinemos num país governado por comunistas cu pelos seus discípulos integralistas.

"É necessário usar do maior rigor contra os que, nos últimos tempos, têm aparecido no Brasil a falsificar dinheiro e estampilhas, desfalcando as finanças públicas" — vociferar um patriota, indignado, num dos órgãos da Wall Street carioca.

A diferença entre o moedeiro falso e o da Casa da Moeda está em que, enquanto este último fabrica dinheiro, que não é mais do que o suor metalizado do povo trabalhador, arrancado a este em forma de mais-valia para enriquecer os senhores, o primeiro, que é um burguês sem capital, não podendo explorar o negócio legalmente, trata de fazê-lo ilegalmente, sem prejuízo de converter-se, quando seja proprietário, num ferrenho admirador do juiz e da polícia, como tantos que nós conhecemos.

O EVANGELHO...

(Continuação da pág. 4)

armado que o observava acercou-se e tocou-lhe no ombro.

27. Dizendo-lhe: "E' proibido estacionar aqui". Mas ele perguntou-lhe: "E tu, quem és?"

28. O homem armado respondeu: "Sou o vigia-de-noite e desempenho o meu serviço, obedecendo a ordens que me foram dadas."

29. "Porque há nesses palácios incalculáveis riquezas, e se lá entramos os ladrões, quando estou de guarda, eu seria severamente punido".

30. Mas ele perguntou-lhe: "Essas riquezas são tuas, ou é tua uma parte delas?"

31. O homem riu e disse: "De meu nada tenho, além do meu pequeno salário".

32. Disse ele então: "Assim guarda o cão os bens do seu amo, e dão-lhe em paga um osso e chicotadas".

ENTRE A GUERRA, A PAZ E A LIBERDADE

Por MANUEL PERES

Ninguém está contente, e todos têm razão, já que o mundo vive momentos de verdadeira angústia, sob a ameaça de nova guerra, cujo desfecho é difícil prognosticar, tão terribéis são os métodos de destruição inventados pela inteligência poderosa do homem que, longe de humanizar a sua própria existência, semeia, com a sua inconsciência, os germes trágicos da morte.

Através da nossa marcha diária pelas ruas da cidade, ouvimos de milhares de bocas as mesmas palavras. — *Isto vai mal. O mundo está em ruínas. A guerra vai chegando. A fome aumenta cada dia.* — e muitas outras, que são prova evidente do descontentamento popular.

Todos reconhecem que a vida humana está mal organizada, e todos limitam a sua ação a um lamento triste, qual o *Jeca Tatú* do genial Monteiro Lobato, e eu recordo então, o que um dia escrevera o grande pensador Anselmo Lorenzo: — *Dizes que a Sociedade está mal constituída? ... ai estás tu para corrigi-la...*

Passemos uma vista rápida pelo mundo, ou melhor pelo velho e novo continente-Europa e América — e então verificaremos que marchamos para o abismo, para novos métodos de tirania, se o proletariado internacional não cerrar fileiras para defender a sua própria existência.

O Brasil, com uma extensão territorial de 8.524.000 quilômetros quadrados dispõe de menos de 50 milhões de habitantes, enquanto a velha Europa, com apenas 5.600.000, tem uma população de mais de 500 milhões, com um desenvolvimento agrícola e industrial que lhe permite fazer frente às suas próprias necessidades. Temos terras maravilhosas, minas, rios e represas em abundância, riquezas naturais que, bem aproveitadas, dariam a nossa população uma existência próspera e feliz, e ela, em completa miséria, ou vive mal, ou morre lentamente de fome!... Ante esse quadro desolador, os que se dizem representantes do povo discutem qual será o futuro presidente da república, procurando, para dar provas do seu espírito democrático, o que chamam *Candidato Único*. E ao povo, que nada representa no chamado concerto nacional, ao terminarem as consultas, os chamados *Grandes da Política* dizem: *Tu és soberano e podes acudir às urnas para eleger livremente o teu mandatário; não esqueças porém, de que deves votar no que nós te indicamos, porque só ele poderá dar-te a paz e a felicidade que tanto ambicionas!*

NA ARGENTINA domina Peron que, para maior vergonha, foi eleito pelas próprias massas proletárias, cujo patriotismo soube explorar com a sua campanha demagógica e de tipo revolucionário, estilo Adolfo Hitler; e a terra de Sarmiento, uma das nações mais ricas do continente, marcha rapidamente para o desastre econômico mais formidável da sua história.

NO PERÚ, a maravilhosa terra dos Incas, na qual de acordo com a história, existiu, há mais de 12.000 anos, uma civilização de orientação socialista, cuja sede era a cidade de Cuzco, da qual restam ainda ruínas que dão prova da sua elevada cultura, foi instaurada uma feroz ditadura sob a direção do general Manuel Odría. Como fizeram em outras épocas os ditadores Leguia e Sanchez del Cerro, Odría suprimiu todas as liberdades políticas e restabeleceu a pena de morte contra os inimigos do seu regime.

NO CHILE, o super-democrata Videla que, quando embaixador do seu país no Brasil, fazia discursos profundamente revolucionários, **"A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS"**

Disponho ainda de certa quantidade deste livro da autoria do companheiro José Oiticica, cuja leitura aconselhamos aos que se interessam pelos ideais anarquistas. Encontra-se à venda ao preço de Cr\$ 12,00, na nossa redação e na banca de jornais da Galeria Cruzeiro (lado da rua Betencourt Silva). Na mesma banca estão à venda os periódicos anarquistas "A Plebe", de São Paulo, e "Le Libertaire", de Paris.

OUTROS LIVROS QUE PODEMOS FORNECER

"Sermões da Montanha" por Tomaz da Fonseca — Cr\$ 40,00.
"Curso Completo (Elementar, Médio e Superior) de Esperanto" por Roberto das Neves — Cr\$ 50,00.
Pedidos à caixa postal 4588. Pelo correio juntar mais 10%.

exerce uma ditadura, mascarada com o rótulo de República Liberal; e lá também foram suprimidos todos os direitos e liberdades. O pretexto é combater o Comunismo, o argumento da moda, e com ele, os chamados democratas fazem um grande favor ao fatídico Stalin, já que este combate é a melhor propaganda para os seus métodos de dominação e tirania.

O mesmo acontece na República Dominicana, a primeira terra visitada por Colombo ao descobrir a América, já que nesta pequena república o general Trujillo, como um dia o fizera Porfirio Diaz no México, estabeleceu um verdadeiro feudo.

NA VENEZUELA domina uma Junta Militar que governa ditatorialmente, desterrando, perseguindo e suprimindo direitos e liberdades como um insulto à memória do que um dia nasceu nas suas terras fertilíssimas e generosas — Simon Bolívar.

PARAGUAI E BOLÍVIA vivem sob o mesmo sistema político, ou seja, ditaduras mais ou menos mascaradas, o que oferece um quadro verdadeiramente desolador... Como suprema ironia, todas as nações do continente, pertencem à O. N. U., organização internacional que tem como objetivo fundamental a defesa dos direitos e da liberdade humanas!...

Na Europa a situação não é melhor nem pior, pois é justamente nas suas terras que terá início a nova guerra, a qual dá o nome de luta entre Oriente e Ocidente, pretendendo alguns que é um choque entre duas ideologias opostas.

De um lado a chamada *Cortina de Ferro*, Império de Stalin e seus satélites: Rumânia, Hungria, Bulgária, Albânia e Polónia, países esses, nos quais apesar do pomposo título de Democracias Populares, a liberdade é letra morta e, para os que aspiram a uma vida melhor, o argumento supremo é a prisão, a fome, a morte lenta e cruel nos campos de concentração. Hajam vista os 80 antifranquistas espanhóis que, pelo simples fato de não pertencerem ao Partido Comunista, morrem de dor e desespero no fatídico campo de concentração de Karaganda, na Sibéria.

O grupo da Cortina de Ferro pretende dominar a Europa para impor o Comunismo e evitar que ressurgira a transformação social iniciada pelos heróicos trabalhadores espanhóis no dia 19 de julho de 1936.

Do outro lado, temos a Inglaterra com o seu Socialismo de Estado e a sua terrível bancarrota econômica e, com ela, a França dos Direitos do Homem, o Portugal de Salazar, a Bélgica, a Holanda, a Dinamarca, a Suécia e Noruega, e lá longe, como líder supremo, o famoso Tio Sam, Imperador do Dólar.

A este grupo dão o nome de *Bloco do Atlântico*. E tanto os deste grupo, como os da Cortina de

Ferro pretendem dominar a Alemanha para armar os seus habitantes em caso de nova guerra e, como esta é necessária para impedir uma transformação social, ela surgirá fatalmente. Pretexos não faltarão para iniciar a carnificina: em 1914 era combater o Militarismo Prussiano, em 1939 o combate ao Nazismo e, agora, os do Atlântico dirão que é para combater o Comunismo, e os da Cortina de Ferro que é para pôr fim ao Imperialismo reacionário. No fundo, um único objetivo: evitar a revolução social, cujo germe surge em todos os recantos do mundo num grito de revolta contra as injustiças do capitalismo que, depois de sacrificar em 5 anos de guerra a mais de 50 milhões de vidas humanas, prometendo com a vitória um regime de paz e liberdade, emprega contra os que deram o seu sangue generoso para vencer o fascismo, os mesmos métodos que antes empregaram Hitler e Mussolini.

As consequências da última guerra são terribéis para o proletariado, pois na América e na Europa surge como um fantasma assustador o grave problema dos sem trabalho que só na América do Norte se elevam a muitos milhões. E a Inglaterra passa os momentos mais críticos da sua história vindo como a fome ronda o seu território outrora próspero e abundante graças à exploração dos seus domínios.

Eis o panorama que nos oferece o mundo neste fim de 1949. E os homens de ciência, que tanto trabalham para humanizar a nossa existência, vêm, com profunda amargura, que os seus inventos, longe de servirem para o desenvolvimento da cultura, do progresso e da inteligência em todas as suas formas, são empregados numa obra nefasta de destruição e de morte. Não importa que os dominadores se denominem fascistas, comunistas ou democratas, pois enquanto existir a exploração do homem pelo homem, não existirá liberdade, e sem liberdade, não há paz, nem justiça, nem felicidade para o ser humano. Para que continue essa exploração é que eles preparam nova guerra, sem lhes importar o sacrifício de milhões de vidas jovens, tão necessárias para o desenvolvimento agrícola e industrial, pois acima dessas existências, das dores maternas que o seu extermínio provoca, estão os interesses egoístas de um grupo de privilegiados que nada fazem em benefício da coletividade.

Os heróicos trabalhadores espanhóis deram-nos um exemplo de capacidade durante a guerra provocada pelo fatídico Franco, pois dispoem apenas de metade do seu território, não só resistiram três anos aos ataques do inimigo, como demonstraram o seu valor construtivo, pondo em prática o verdadeiro socialismo, cultivando as terras com carinho e aumentando mais e mais a produção industrial. E se isto foi feito por um punhado de homens, que tinham contra si toda a reação internacional, que não fariam todos os trabalhadores do mundo unidos na obra comum de transformação social?...

Permitirão esses trabalhadores

A SOCIEDADE LIBERTÁRIA

Por JORGE BASTIEN

5. A NOSSA MORAL

Somos contra as autoridades moral, religiosa, patriótica, familiar, etc... Isto não significa, entretanto, que sejamos imorais. Pelo contrário. Patriotismo, religião, civismo, respeito aos governos de todas as espécies — não são mais do que preconceitos, cujo único objetivo é convencer os explorados de que eles devem resignar-se, obedecer, não se revoltarem, mas antes, pelo contrário, aceitar a sorte que os seus patrões lhes destinam. Ora, nós repudiamos indignadamente essa moral de escravos, que de nenhum modo conviria a uma humanidade livre. A nossa propaganda visa mostrar aos servos que eles são iguais aos seus patrões, que não podem existir duas espécies, de seres humanos; ricos e pobres.

A caótica e idiota confusão da moral oficial opomos nós os princípios da moral humana e racional. Tais princípios são o respeito à liberdade do nosso semelhante e a mais completa solidariedade. A liberdade é necessária numa sociedade que se pretende edificar para benefício de todos. E a liberdade tem como inseparável irmã a igualdade, não aquela que apenas está inscrita em monumentos ou no papel, mas a que se insere e afirma na vida real e material: a igualdade das condições sociais.

A sociedade libertária só pode existir numa associação livremente aceita, e até pacientemente procurada, porque ela só vantagens reporta aos seus membros. E uma sociedade sómente pode ser firme e racional se todos forem iguais, se ela se apoiar sobre a liberdade individual de todos, pois os excessos conduzirão aos conflitos, e as medidas coercitivas só servem para conservar as classes sociais.

Outro grande princípio libertário é o da solidariedade, essa grande força que permitiu à humanidade sair da animalidade. Pela cooperação o ser humano logrou tornar-se o que é hoje e lavar a sua civilização. A luta pela existência é a fonte principal de todos os nossos males. O homem é lobo do homem porque ele não tem seguro nem o presente nem o futuro, porque ele se vê forçado a abdicar dos seus bons sentimentos e a fortalecer os seus instintos agressivos para conquistar o seu lugar ao sol. Toda a evolução da humanidade para uma melhor e mais alta moral deve necessariamente por isso acompanhar o avigramento do espírito de solidariedade. Asseveraram filósofos que, um dia, os sentimentos sociais serão tão fortes, que eles se converterão em instintos, e que se pra-

que o capitalismo provoque uma nova hecatombe, ou pelo contrário iniciarão a marcha pela estrada que conduz à paz e à liberdade?...

Que não confiemos demasiado os dominadores do mundo, porque os palhaços do grande circo humano,

ticará a solidariedade como se respira, come ou caminha. E' fora de dúvida que a evolução marcha nessa direção e condena os preconceitos atuais, semeadores do ódio e divisão.

Os preconceitos religiosos, patrióticos, autoritários e outros, cultivados com cuidado e método pelos que à sua custa vivem, estabelecem sempre obstáculos, frequentemente sangrentos e sempre cheios de dor, a toda evolução normal e desejável. Todos os esforços e sacrifícios da humanidade, exigidos por deus, pela pátria, pelo estado, etc., são problemas que deus, a pátria e o estado resolveriam, se deus, a pátria e o estado não estivessem contra a humanidade. Pondo ao serviço da humanidade, da solidariedade, da colaboração moral e material dos seres humanos entre si todos os esforços e sacrifícios, todas essas necessidades de ação e dedicação, que os princípios de uma falsa moral desviaram da sua verdadeira finalidade, o espírito novo acelerará, por um ritmo de progresso cada vez mais rápido, a marcha da espécie humana para o bem-estar, a felicidade e a liberdade. O espírito novo louvará as forças, as iniciativas, os sacrifícios utilizados para a melhoria das condições morais e materiais da humanidade, e amaldiçoará as forças que criam a miséria e o sofrimento.

Essa moral que não ignora o indivíduo coloca-o na sua base. Para que o corpo goze boa saúde é necessário que cada uma das suas partes, mesmo a menor de todas, goze também de saúde. A doença de uma célula põe em perigo a vida de todo o organismo. Para que, pois, a humanidade atinja o cume da perfeição, é necessário que cada indivíduo encontre na sociedade o máximo possível de liberdade e bem-estar; é necessário que todos os seus interesses e todos os seus sentimentos o levem a procurar a comunhão com os seus contemporâneos e não a refugiar-se deles. Sociedade perfeita pode ser apenas aquela em que exista perfeita harmonia entre os indivíduos que a constituam e que nela encontrem os recursos necessários para elevar ao máximo os seus gozos.

Eis a moral altamente humanitária, pela qual os anarquistas se opõem aos preconceitos habilmente cultivados pelos senhores de ontem, de hoje e de amanhã. A maior liberdade para todos e a mais íntima solidariedade unindo os homens — tais são os grandes princípios morais, sobre os quais nós queremos basear a sociedade futura.

Do próximo número: A ditadura dos intelectuais.

que, com as suas piruetas grotescas fazem rir hoje os seus tiranos, podem despertar algum dia, e, ao compreenderem a sua tragédia íntima, transformar em lágrimas de dor os sorrisos irônicos de hoje!...

E a história humana tem lições muito eloquentes!...

O EVANGELHO DA HORA

PAULO BERTHELOT

(Continuação do número anterior)

se vá. Quanto a mim, vou trabalhar como sei e como posso".

20. "Mas aí dele, se estiver inflado de orgulho — porque o último dos seus laços será o mesmo".

21. E disse-lhes esta parábola: "Havia um homem pobre que trabalhava — na vinha dum homem rico, duro de coração".

22. "E este homem rico maltratava o homem pobre — acimando-o de preguiçoso e mandando-o espancar por seus escravos".

23. "Mas o homem pobre tudo aceitava com resignação, pensando no seu intimo: "De que havia eu de viver se meu amo não me deixasse trabalhar na sua vinha?"

24. "Ora, veio um homem instruído que lhe disse e demonstrou — que a vinha não pertencia sómente ao homem rico".

25. "Mas que ele, vinhateiro, tinha sobre ela o mesmo direito que o homem rico — e esse direito era o de a trabalhar e de gozar dos seus frutos".

26. "Então o homem pobre alegrou-se e pôs-se a comer os frutos da vinha — coisa que até então não se atrevera a fazer".

27. "Mas o homem rico sobreveio e gritou, irado: "Mandrião! Quem te deu licença de largar o trabalho — e comer os frutos da minha vinha?"

28. Respondeu-lhe o homem pobre: "A vinha não é só tua — ambos temos sobre ela o mesmo direito".

29. "Se lhe queres comer os frutos, trabalha-a como eu — porque não tens outro direito senão esse, que é também o meu".

30. "Então o homem rico encolerizou-se e disse a seus escravos: "Açoitai-me esse insolente até ele perder os sentidos!"

31. "Não o mateis, entretanto —

porque preciso de alguém que por mim cultive a minha vinha".

32. "Mas o homem pobre lançou a mão à enxada e feriu o homem rico na cabeça — e o que se dizia amo caiu morto, e seus escravos fugiram atemorizados".

33. "Ora, isto foi bem assim, porque para quem manda — é menos amargo morrer do que ficar sendo o igual de seu servo".

CAPITULO IV

Pela tarde, entrou na cidade, e os operários agruparam-se em redor dele.

2. Ele perguntou a um deles: "Que ofício é o teu?" E o obreiro respondeu: "Dez horas por dia trabalho na fábrica de calçado".

3. E viu uma mulher de olhos avermelhados, que estava vestida de andrajos com remedos.

4. Ele perguntou-lhe: "E tu, que fazes?" Ela respondeu: "Noite e dia, costuro para um grande armazém de roupas feitas".

5. Então ele lhes disse: "Quando soar a Hora, vinde de subúrbios ao coração da cidade".

6. "Abri esses armazéns e vesti-vos sem receio, como vos agrada, porque as vossas mãos tudo criaram."

7. "Não, contudo, como os macacos mostrados no circo, mas sim como convém a homens dotados de razão."

8. Ora, aproximando-se a noite, debaixo do povo, mas os sem-domicílio acompanharam-no através das ruas.

9. E passavam pelas grandes praças e largas avenidas, cheias de monumentos e de palácios soberbos.

10. Ele perguntou: "Quem dorme nestas vastas habitações?" E eles responderam: "Ninguém,

11. "Porque isto é uma igreja, aquilo um tribunal, isto é um ministério e aquilo uma casa bancária".

12. Então ele sentou-se num banco perto do jardim e disse: "Durmamos aqui! — Mas eles avisaram-no, dizendo: — "Camarada, é proibido".

13. Ele repetiu: "As raposas têm as suas tocas e os corvos os seus ninhos, mas o homem não sabe onde repousar a cabeça..."

14. "Quando ouvirdes finalmente soar a Hora, invadi estes bairros luxuosos."

15. "Abri estes palácios e estes monumentos, e vinde habitá-los sem temor."

16. "Porque convém que os que hoje não têm domicílio usufruam então as mais belas moradias".

17. Mas à esquina da rua uma meretriz chamou-o e disse-lhe: "Ven comigo para o amor". E ela queria arrastá-lo.

18. Mas ele disse-lhe: "A tua voz sóa falso e na tua cara não há sinceridade. Não quero saber desse amor que tu vendes".

19. Então a mulher deixou cair a máscara e gemeu: "Tenho fome, e meu filhinho, cujo pai se foi, tem fome também".

20. Mas ele perguntou-lhe: "Porque não trabalhas como as outras — para ganhar o pão para ti e para teu filho?"

21. Ela disse: "Como? se me expulsaram da fábrica quando fiquei grávida — e perdi o hábito de trabalhar".

22. "E, depois, se soubesses como pagam o trabalho das mulheres, não me dirias coisas dessas."

23. "Se não me queres, deixa-me procurar outro homem — que nos dará para comermos amanhã".

24. Então ele disse-lhe: "Mulher, vai soar uma Hora em que tu e teu filho podereis viver sem que vendas falso amor."

25. "E ninguém mais aliás quererá esse falso amor, porque o amor verdadeiro será desde então franco e livre."

26. E como ele ficasse só, pensativo, à esquina da rua, um homem

(Continua na pág. 3)